



ESTADOS UNIDOS

Sangria de Biden eleva a tensão entre aliados

Doadores da campanha do Partido Democrata congelam US\$ 90 milhões até que o presidente abandone os planos da reeleição. Mais congressistas pedem desistência da disputa pela Casa Branca, a 37 dias da convenção, em Chicago

» RODRIGO CRAVEIRO

A postura mais firme e a fala fluida de Joe Biden durante a entrevista coletiva de quinta-feira não foram suficientes para estancar a sangria de sua campanha à reeleição. Nas últimas horas, aumentaram os pedidos, entre congressistas aliados, para que o presidente dos Estados Unidos abandone a disputa. A apenas 37 dias da Convenção Nacional Democrata, em Chicago, a insistência de Biden em permanecer na corrida eleitoral — aliada a recentes gafes — elevou a tensão em Washington, principalmente entre assessores de Biden.

“Por favor, passe a tocha a um dos muitos líderes democráticos capazes, para que tenhamos a chance de derrotar Donald Trump, a maior ameaça enfrentada por este país”, pediu a deputada democrata Britany Petersen, a 18ª congressista a demonstrar insatisfação pública. Por sua vez, o também deputado governista Mike Levin, da Califórnia, admitiu que “chegou a hora para o presidente Biden passar a tocha”.

Um grupo dos principais doadores de Biden decidiu congelar US\$ 90 milhões (ou R\$ 489 milhões) em recursos para a campanha enquanto o presidente permanecer na corrida pela Casa Branca. Por sua vez, o governador democrata do Colorado, Jared Polis, admitiu que o debate sobre a viabilidade da candidatura permanece “legítimo”, um dia depois da entrevista de Biden.

O líder da minoria democrata na Câmara dos Deputados, Hakeem Jeffries, se reuniu com o chefe de Estado, na noite de quinta-feira, mas não ofereceu endosso à candidatura. Jeffries disse que compartilhou com Biden “perspectivas sinceras e conclusões sobre o caminho (da campanha democrata) a ser seguido”. Pouco

AFP



Biden embarca no Air Force One, na Base Aérea de Andrews, em Maryland, rumo a comício em Detroit

AFP

antes, o deputado democrata Greg Stanton pediu a Biden que, “pelo bem da democracia norte-americana e em prol de progresso nas prioridades compartilhadas”, renuncie como candidato.

Comícios

Apesar da pressão, Biden manteve os compromissos de campanha: ontem, ele visitou Detroit, no estado do Michigan. Na próxima semana, fará escalas no estado do Texas, republicano, e Nevada. Na noite de quinta-feira, com 57 minutos de atraso e depois de chamar o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky de (Vladimir) Putin, Biden confundiu o nome da própria vice, Kamala Harris, com o do adversário republicano Donald Trump. O presidente francês, Emmanuel Macron, saiu em defesa do colega norte-americano, ao fim da cúpula da Organização do



Tratado do Atlântico Norte (Otan). “Todos temos lapsos às vezes.”

Depois de desafiar Biden a um novo debate e a uma partida de golfe valendo US\$ 1 milhão, Trump exortou o democrata a se submeter a um exame de faculdades mentais. “Joe

Trump com o premiê húngaro, Viktor Orbán (E): proposta de teste cognitivo ao rival democrata

obrigados a se submeter a um teste cognitivo e de aptidão, independentemente de sua idade.”

Segundo o jornal *The New York Times*, estados historicamente democratas — como New Hampshire, Minnesota e Virginia — temem que a não desistência de Biden os transforme em “swing states”, onde nenhum partido ou candidato detém maioria absoluta nas intenções de voto. Em entrevista ao *Correio*, Allan Lichtman, historiador político da American University (em Washington), acusou os democratas que pedem a desistência de Biden de adotarem um comportamento “totalmente autodestrutivo”. “Eles estão fazendo o jogo de Trump, ao criticar o presidente em exercício e o candidato

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Os democratas não têm coragem de lançar Joe Biden debaixo do ônibus sob o primeiro sinal de adversidade. Os aliados que pedem a desistência do presidente, caso bem-sucedidos, recriariam as mesmas condições que levaram à eleição de Trump em 2016: um assento aberto, sem nenhum presidente concorrendo e uma disputa partidária. Desde a virada do século 20, nenhum partido no poder conseguiu ser reeleito nessas condições.”

Allan Lichtman, historiador político da American University (em Washington)

eleito do partido. Os republicanos não têm princípios para se unirem atrás de um criminoso condenado, mentiroso inveterado e autoritário”, afirmou. “Espero que Biden resista e prossiga com a campanha.” Na entrevista de quinta-feira, Biden negou que o plano de reeleição esteja associado a uma tentativa de deixar um legado ao fim de seu mandato. E tratou de amainar as pressões dentro do Partido Democrata. “Sou a pessoa mais qualificada para concorrer à Presidência”, declarou.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Biden é problema de todo mundo

O Partido Democrata, naturalmente, pensa antes de tudo na eleição presidencial de novembro a cada tropeço (ou tombo mesmo) de Joe Biden em compromissos públicos e oficiais. Mas, as dúvidas sobre a capacidade mental do titular da Casa Branca não se confinam à lógica política doméstica dos EUA, nem ao horizonte da disputa com Donald Trump — que se anuncia a cada dia mais difícil.

O cenário das últimas gafes, por sinal, ilustra à perfeição por que o mundo inteiro se preocupa com Biden. A reunião de cúpula da Otan, em Washington, discutiu com prioridade a guerra na Ucrânia, que domina a agenda da aliança militar ocidental, mas é igualmente um dos focos de ameaça à paz mundial, de braços dados com o conflito no Oriente Médio.

As decisões e o teor da declaração final do encontro na capital norte-americana indicam que os quatro meses até o tira-teima nas urnas reservam surpresas e desafios para a principal potência econômica e militar. Quem terá de enfrentá-los é um líder sob a dupla pressão de conquistar votos e reconquistar a confiança dos eleitores, mas também dos parceiros e aliados.

Cartas embaralhadas

É essa conjunção entre os fatores domésticos e externos que alimenta apreensão. Tanto mais porque, em ambos os terrenos, Biden tem pela frente uma subida de morro. É irônico que a primeira bola fora tenha se seguido ao anúncio de mais US\$ 40 bilhões de ajuda militar da Otan à

Ucrânia em 2025. Foi na sessão final da cúpula, com Volodymyr Zelensky ao lado, que o anfitrião passou a palavra ao líder ucraniano apresentando-o como “o presidente Putin”.

O lapso, inevitavelmente, roubou a cena e ofuscou o sentido mais profundo da nova injeção de dólares destinada a Kiev. Somado à entrega prometida de caças F-16 e mais mísseis de longo alcance — capazes, tecnicamente, de atingir Moscou —, o pacote para o próximo ano sinaliza que a Otan aposta em uma guerra prolongada.

Seria o suficiente para inquietar o Kremlin, que voltou a evocar o arsenal convencional e nuclear de que a Rússia dispõe para um confronto direto com o bloco adversário. Mas, a declaração final da cúpula misturou às cartas

a China, segunda economia do mundo e potência militar ascendente. Acusado como “cúmplice” de Moscou na “agressão” à Ucrânia, o regime de Pequim respondeu aconselhando o Ocidente a não “incitar confrontos”.

Não é (só) a idade

É esse roteiro de “guerra fria requeitada”, com o titular da Casa Branca em luta desesperada pelo segundo mandato, que alimenta as preocupações daqueles que não têm envolvimento no conflito, mas são forçados a enfrentar os impactos. Sob a pressão de um quadro desfavorável nas urnas, o presidente dos EUA poderá ser chamado a tomar decisões críticas, possivelmente com o dilema entre colocar na frente a segurança do mundo ou

os objetivos eleitorais.

Na entrevista coletiva que se seguiu ao encerramento, Biden voltou a confundir nomes, referindo-se à companheira de cédula — e possível substituta na cabeça da chapa — como “vice-presidente Trump”. Mas, sob a artilharia de perguntas, exibiu a segurança de um senador veterano para discorrer sobre temas da situação mundial. Ou seja, não demonstra senilidade, mas acusa sintomas de estresse mental.

O presidente tem 81 anos, e o rival, 78. Há quatro anos, quando o democrata levou a melhor, uma parcela do eleitorado acusava nostalgia pelo vento de juventude encarnado em Barack Obama. Vença um ou o outro, virão quatro anos de busca por sangue novo para a Casa Branca.

Teste marcado

Os nervos do presidente norte-americano poderão estar à

prova dentro de duas semanas, quando os venezuelanos vão às urnas. Washington puxa a fila dos governos que advertem para o risco de Nicolás Maduro promover fraude e atropelos para garantir mais um mandato. O resultado que sair das urnas em 28 de julho terá, necessariamente, desdobramentos imprevisíveis: uma vitória contestada do chavismo ou uma transferência de poder sob tensão máxima.

A diplomacia brasileira, que retoma no governo Lula a política de priorizar a integração sul-americana, elegeu como prioridade construir soluções regionais para qualquer impasse, de modo a bloquear intervenções “de fora” — leia-se Washington. Para isso, trabalha ombro a ombro com a Colômbia de Gustavo Petro, que forma com o Brasil a dupla dos vizinhos com maior incidência no cenário venezuelano.